

ORLANDO RIBEIRO E A OBRA DE SUZANNE DAVEAU¹

MANUEL VIEGAS GUERREIRO †

Nasceu em Paris a 13 de Julho de 1925. Frequentou uma escola de bairro e aí fez exame de instrução primária. Concluiu o Curso de Magistério Primário e exerceu esse ensino durante três meses, depois do que se licenciou em Geografia. Foi professora do Liceu de Gap, cidadezinha do sul dos Alpes. Sentindo-se com força para mais, preparou tese de doutoramento sobre *Les Régions Frontalières de la Montagne Jurassienne. Étude de Géographie Humaine*, que defendeu na Sorbonne, tendo prestado serviço de assistente na Universidade de Besançon. Obtida uma bolsa do Instituto Francês da África Negra, aplicou-se a investigações da Geomorfologia na região do Mali (África Ocidental), de onde sua tese complementar. Foi professora uma dezena de anos na Universidade de Dakar (Senegal).

No dia a dia da sua actividade universitária soube de Orlando Ribeiro, a quem seus colegas africanistas se referiam elogiosamente. Veio a conhecê-lo no Congresso Internacional de Geografia de Estocolmo, em 1960 e com ele falou pela primeira vez em uma excursão. Impressionou-a a excelência do seu francês, o que permitia uma boa troca de saberes. Ia crescendo entre eles simpatia que veio a dar relação sentimental.

Veio a Portugal em 1961, tendo-o percorrido com Orlando Ribeiro, que assim a iniciava no conhecimento do país. Suzanne tornou a África para prosseguimento de sua pesquisa de Geografia física, que Orlando naturalmente acompanhava com renovado interesse. E quem escreve este texto mais de uma vez ouviu de Orlando Ribeiro palavras de muito apreço por Suzanne. Casam em 30 de Setembro de 1965 e Suzanne instala-se em Lisboa.

Em 1968, por proposta da Livraria Armand Colin, elaboraram ambos a primeira obra em comum, o grosso volume *La Zone Intertropicale Humide*, da série «Géographie», dirigida por Philippe Pinchemel, publicado em 1973.

Era agora Portugal o objecto de suas pesquisas, ora tomando em mãos temas iniciados por Orlando Ribeiro, como o relevo da Serra da Estrela e o da Lousã, ora

¹ O autor, cuja perda tanto sentimos, tinha prometido colaborar no volume de homenagem a Suzanne Daveau. O texto que agora se publica foi encontrado, manuscrito, no seu espólio. Reproduz-se na sua forma original, para além de retoques de pormenor que não ofereciam dúvidas e do aligeirar de uma longa citação. O rigor e a exigência que o autor imprimia a todos os seus escritos levá-lo-iam decerto a limar alguns aspectos: seria ousadia procurar substituí-lo, pelo que deixamos aqui as suas palavras, no modo cativante e expressivo como as alinhavou (C.A.M.).

novos de sua invenção, como a cartografia dos aspectos básicos do clima português (precipitação, temperatura, nebulosidade).

Não esmoreceu em Suzanne a sedução de África e, caldeando-a com os estupendos relatos dos cronistas portugueses de quatrocentos e quinhentos, aí a temos produzindo belos ensaios de que são exemplo «La découverte du climat d'Afrique tropicale au cours des navigations portugaises (XV^e siècle et début du XVI^e siècle)»²; «Une ancienne technique agricole soudanaise?»³; «La Géographie dans les roteiros portugais du XV^e et XVI^e siècles»⁴.

No primeiro, se conclui que, mercê de aturadas observações, aperfeiçoaram os Portugueses seus métodos de navegação, despegando-se da costa e internando-se no alto mar, com encurtamento de distâncias. Sofrendo e conhecendo as profundas mudanças das estações no sul do trópico puderam escolher o tempo de partida e de regresso em suas viagens.

Do conjunto dos testemunhos fica em Suzanne a quase convicção de que o clima do Sahara ocidental era no fim do século XV um tanto «mais tropical do que o actual». Sabe-se também que era, então, região mais povoada do que hoje. Fica, pois, uma porta aberta para um mais fundamentado estudo «des oscillations récentes du peuplement et du climat du littoral et de la bordure sud du désert».

O título do segundo escrito, «Une ancienne technique agricole soudanaise», coincide com a conclusão a que se quer chegar. E a pista abre-a um curioso passo do nosso doutíssimo cronista de quinhentos, João de Barros, em que a técnica se descreve e consiste em cobrir de areia a semente de milho zaborro lançada à terra argilosa e húmida nos vales dos rios Senegal e Gâmbia. Ainda hoje se pratica nas Canárias e sob formas análogas, em Almeria (Espanha) e na China. Situa-se Suzanne no contexto da obra de Barros e interpreta-a «em função das características naturais e humanas» da região.

Ficam por saber, com segurança, os primórdios desta invenção agrícola, que, existindo nas Canárias, a autora é tentada a recuá-la aos Guanches e, tanto ali, como no Senegal, estar-se-á em presença de velhas técnicas agrícolas do Sahara. E na dúvida sugere igualmente que se possa tratar de um fenómeno de convergência. De qualquer modo dá a palavra aos historiadores para que desvendem este enigma.

Informação a possível, hipóteses bem fundadas, em que a imaginação se contém nos limites da metodologia científica.

O terceiro ensaio é comunicação no Seminário *Navi e navigazione nei secoli XV e XVI*, realizado em Génova de 26 a 28 de Outubro de 1984, sob o título de «La Géographie dans les Roteiros Portugais du XV^e et XVI^e siècles»⁵.

² *Bulletin de l'IFAN*, t. XXXI, sér. B., n° 4, 1969, pp. 953-988.

³ *2000 Ans d'Histoire Africaine. Le Sol, la Parole et l'Écrit*. Mélanges en Hommage à Raymond Mauny. Société Française d'Histoire d'Outre Mer, Paris, 1980, pp. 573-583.

⁴ *La Géographie dans les Roteiros Portugais du XV^e et XVI^e Siècle*, Relatório n° 9 da Linha de Acção de Geografia Regional e Histórica. Centro de Estudos Geográficos, INIC, 1988, 27 pp.

⁵ *Atti del V Convegno Internazionale di Stude Colombiano*, Navi e Navigazione nei Secoli XV e XVI, Genova, 1990, p. 431-463 e *Mare Liberum*, 4, Lisboa, 1992, p. 161-181.

Será ocioso encarecer a importância destes trabalhos de Suzanne Daveau, a um tempo útil a geógrafos, etnógrafos e historiadores. E, sobre riqueza de informação, uma exposição clara, objectiva, nunca contaminada de abusos de auto-afirmação, permanentemente didáctica.

Suspenda-se notícia sobre investigação em África e sigam-se passos da preparação científica de Orlando e Suzanne, que, por coincidentes, em boa parte explicam sua mútua colaboração.

Falemos de Orlando Ribeiro: a Geografia francesa logo o atraiu quando, estudante do Liceu de Passos Manuel, de Lisboa, manuseava o *Atlas* de Vidal de La Blache, autor, depois, de sua predilecção e de quem diz que «havia de decidir de sua vocação». E na Biblioteca Pública de Viseu pôde absorver-se na leitura da obra de um grande geógrafo, o *Tratado de Geografia Física* de E. de Martonne. Era, porém, grande seu pendor pelos estudos de História, tirando-o, contudo, de hesitação a leitura dos *Princípios de Geografia Humana* de Vidal de La Blache. Estava decidido seu rumo. Tinha, então, 18 anos e ia frequentar o 2º ano da Universidade.

Foi, todavia, como leitor de português, na Sorbonne, que viria a entrar no convívio dos grandes mestres da Geografia francesa, E. de Martonne e A. Demangeon, de quem foi aluno, estabelecendo também «sólidas amizades» com discípulos como J. Demangeot e outros de outras nacionalidades chamados pelo ensino de E. de Martonne⁶.

Foi Suzanne do mesmo modo aluna da Sorbonne, onde se doutorou. E os seus professores tinham sido os alunos dos mestres de Orlando. São amigos de ambos Birot, Raynal e Dresch. Preparação académica em parte comum que haveria de frutificar em proveitosa cooperação científica.

Já se referiu volumosa obra de conjunto. Citem-se outras:

«L'occupation humaine de la Serra da Estrela», (em colaboração com O. Ribeiro) in *Études Géographiques offertes à Louis Papy*. Bordeaux, 1978, pp. 263-276.

«Compte-rendu d'une excursion de Géomorphologie dans le Portugal Central (mai 1976), (em colaboração com P. Birot, A. de Brum Ferreira, A. Godard, C. Grelou-Orsini, O. Ribeiro), *Méditerranée*, 3, Aix-en-Provence, 1979, pp. 59-70.

«Aux confins du domaine méditerranéen. L'olivier dans le Nord-Ouest du Portugal» (em colaboração com O. Ribeiro), in *Hommages à René Raynal*, 2, Recherches Géographiques à Strasbourg, N° spécial, 22-23, Strasbourg, 1983, pp. 217-225.

Les Bassins de Lousã et d'Arganil. Recherches géomorphologiques et sédimentologiques sur le Massif ancien et sa couverture à l'Est de Coimbra, I – *Le bassin sédimentaire*; II – *L'évolution du relief* (em colaboração com P. Birot e O. Ribeiro) Memórias do Centro de Estudos Geográficos, 8, Lisboa, 1985-1986, 231 p.; 450 p.

⁶ Leiam-se as p. 14-27 de seus *Ensaio de Geografia Humana e Regional*, Lisboa, Sá da Costa, 1970.

«Conhecimento actual da História da Geografia em Portugal» (em colaboração com O. Ribeiro), in *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*, II, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, 1986, pp. 1041-1060.

Geografia de Portugal. I. *A posição geográfica e o território*; II. *O ritmo climático e a paisagem*. III. *O povo português*. IV. *A vida económica e social*. São 4 volumes em colaboração com H. Lautensach e O. Ribeiro, Ed. João Sá da Costa, Lisboa, 1987, XXIII + 334 p.; 1988, XII + 335-523 p.; 1989, XXI + 625-943 p.; 1991, XIII + 943-1340 p.

Trabalho portentoso, que tenho ouvido celebrar como indispensável para o conhecimento da Geografia de Portugal.

Obra de parceria e ajuda em acabamento como a de *A colonização de Angola e o seu fracasso*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1981.

Aí em epígrafe escreve o mestre:

«À Suzana, em lembrança dos nossos primeiros tempos de vida e de trabalho em comum e pelo muito que este livro lhe deve».

E é ainda Suzanne que assegura a reedição de vários textos:

1986 – *Iniciação em Geografia Humana*.

1987 – *Introdução aos Estudos de Geografia Regional*.

1989 a 1994 – Vols. I a V dos *Opúsculos Geográficos*.

E está em provas o volume VI e último⁷.

Menção especial merece também sua cooperação nas edições ilustradas do celebrado livro de *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* (1993) e de *Originalidade da Expansão Portuguesa* (1994).

E, por sugestão de Jorge Gaspar, a mão de Suzanne ainda na preparação de uma exposição, sobre a obra fotográfica de Orlando Ribeiro, nos «Encontros de Fotografia», Coimbra, Novembro de 1994.

Para fecho deste precioso auxílio marca presença na monumental *Originalidade da Expansão Portuguesa*, que João Sá da Costa acaba de editar (Novembro de 1994). Escolheu os mais importantes estudos, dispôs-os para o prelo, preparou a ilustração que apresenta em contraponto os documentos antigos e as fotografias do autor, sob direcção gráfica de João Machado, e apôs-lhes «Sinopses» e «Postfácios», em que a génese e profundo sentido da obra se explicam. Aí nos conta que a gesta portuguesa dos Descobrimentos tem constituído sempre uma das matérias preferenciais das pesquisas de Orlando Ribeiro, tendo mesmo planeado obra de conjunto subordinada ao título de *Um Povo na Terra*. E eu posso acrescentar que lhe andou no espírito, de meias com Jorge Dias, o plano de criação de um grande *Museu do Homem Português*; frutos que não puderam amadurecer.

E interpretando com finura e profundidade o pensamento do Mestre põe Suzanne em realce uma de suas ideias dominantes que é a da formação do mundo mestiço luso-tropical: «C'est la phase première de l'expansion portugaise qui a

⁷ Este volume foi publicado em 1995.

ouvert la route à l'expansion européenne, fait capital de l'histoire du monde. Elle a tiré les pays tropicaux de leur isolement, tout à la fois en les rattachant à l'Europe, en les reliant entre eux et en y développant les foyers d'une originale culture mixte dont le Brésil demeure, dans le monde d'aujourd'hui, le vivant champion».

E esta ideia se sublima com este seu discurso em que se confessa comprometida: «Mais ces textes portent en même temps la marque profonde de l'originalité et de l'indépendance d'esprit de leur auteur. On n'y trouve aucune trace du nationalisme étriqué alors trop fréquent dans les publications portugaises, mais une vision ample et généreuse, vraiment œcuménique, de l'Histoire du Monde, et une sensibilité toujours ouverte à la compréhension des modes de vie les plus divers, aspects qui n'empêchent d'ailleurs nullement un sens passionné de l'originalité du peuple portugais, cette grande/petite nation, porteuse d'une civilisation capable d'intégrer en une harmonieuse synthèse les apports les plus divers et les nouveautés les plus exotiques».

E todo o cuidado põe em advertir o leitor de que os juízos emitidos sobre a presença portuguesa em África não de entender-se em relação às épocas em que foram emitidos e consoante os contextos socio-políticos de cada uma delas.

Entenda-se que a mais desta ajuda se tem dado depois do grave acidente vascular que atingiu o nosso Mestre.

E a dimensão deste auxílio que dia a dia, momento a momento Suzanne presta a Orlando só o pode avaliar quem uma tarde se deslocou à casa comum de Vale de Lobos. Às muitas solicitações intelectuais, como domésticas, assombra a solicitude, a moderação, a paciência com que Suzanne lhes acode.

Pude pronunciar-me sobre textos de Suzanne Daveau respeitantes à expansão portuguesa em África, com base em nossa documentação. o mesmo não posso fazer no que concerne a seus numerosos trabalhos de Geografia Humana e Física de regiões francesas, africanas e portuguesas, de que geógrafos se não de ocupar.

Antes de ensinar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa foi Suzanne bolsreira da Fundação Gulbenkian. Da excelente qualidade de sua docência testemunham, sem reticência, alunos, mestrandos, doutorandos. E todos, tanto os que escolheram a via física como a humana.

Boas relações com alunos e colegas.

Empenha-se Suzanne até o impensável, em proclamar quanto aprendeu a conhecer Portugal com Orlando e quanto ele lhe dilatou a visão geográfica do mundo, o que não impediu, já se vê, que sua vocação e formação de origem seguissem a via que lhe era própria.

Suzanne não alardeia saber, surge este como que se lhe impondo e mais ela do que quem o fez seu. E vamos todos aprendendo com ela um tanto sem dar por isso. E a sombra agigantada de seu marido vai-a apagando um pouco, mesmo sem ele querer, e quer queiramos, quer não.

O que eu, em suma, e para terminar este escrito, posso afirmar é que este feliz conúbio de Orlando-Suzanne foi providencial para o País, que assim dele pôde duplamente beneficiar: valorizando o saber e a mensagem do grande Mestre e dando a Portugal o raro proveito de receber a excelente lição de uma eminente geógrafa.

Paço de Arcos, 15/2/95